

# Orquestra Gulbenkian

**Ton Koopman**  
**Alexei Volodin**



**21 + 22 mar 2019**

# Orquestra Gulbenkian

**21 MARÇO**  
**QUINTA**

21:00 — *Grande Auditório*

**22 MARÇO**  
**SEXTA**

19:00 — *Grande Auditório*

## Orquestra Gulbenkian

**Ton Koopman** Maestro

**Alexei Volodin** Piano

### **Johann Sebastian Bach**

Suite para Orquestra n.º 3, em Ré maior, BWV 1068

*Overture*

*Air*

*Gavotte I / II*

*Bourrée*

*Gigue*

### **Wolfgang Amadeus Mozart**

Concerto para Piano e Orquestra n.º 26, em Ré maior,  
K. 537, “Da Coroação”

*Allegro*

*Larghetto*

*Allegretto*

INTERVALO

### **Ludwig van Beethoven**

Sinfonia n.º 2, em Ré maior, op. 36

*Adagio molto – Allegro con brio*

*Larghetto*

*Scherzo: Allegro – Trio*

*Allegro molto*

Estes concertos são gravados pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 2h  
Intervalo de 20 min.

MECENAS  
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS  
CICLO PIANO



MECENAS  
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA



# Johann Sebastian Bach

Eisenach, 21 de março de 1685  
Leipzig, 28 de julho de 1750

## Suite para Orquestra n.º 3, em Ré maior, BWV 1068

COMPOSIÇÃO: 1731  
DURAÇÃO: c. 23 min.

No cômputo da produção instrumental de Johann Sebastian Bach, as quatro Suites para Orquestra, BWV 1066 a 1069, emergem como exemplos lídimos de prolixidade criativa em torno da orquestra barroca. Conhecidas modernamente como “suites”, em virtude de apresentarem um alinhamento constituído por danças estilizadas como a *Allemande*, o *Courante*, a *Sarabande* ou a *Gigue*, estas obras foram, na sua génese, designadas com o nome do andamento introdutório, *Ouverture*, moldado segundo o modelo formal e estilístico da Abertura francesa, o qual combina uma secção em andamento lento, caracterizada por ritmos ponteados e suspensões harmónicas, com uma secção fugada, mais célere e vigorosa. A par com a Abertura n.º 2, em Si menor, BWV 1067, a presente Abertura n.º 3, em Ré maior, BWV 1068, foi composta cerca de 1731, altura em que Bach desempenhava as funções de *Kantor* ao serviço da Igreja de São Tomé, em Leipzig. A resplandecência sonora da Abertura n.º 3 deve-se, antes de tudo, à instrumentação utilizada, a qual conta com três trompetes, dois oboés, timbales, cordas e

baixo-contínuo. O timbre brilhante dos metais imprime à partitura, desde os compassos iniciais, uma atmosfera imponente e majestosa, herdada da Abertura em Ré maior, BWV 1069, composta anteriormente. Desvendando um universo expressivo muito especial, a *Air* que se segue constitui, sem dúvida, o *ex-libris* da obra. Do reduzido efetivo formado por dois violinos, viola e baixo-contínuo, emana uma essência melódica sublime, emoldurada por harmonias subtis e evocadoras, manifestação única de criatividade intemporal que sugere, a todo o momento, o poder visionário do mestre. Depois deste momento único, tem lugar uma enérgica *Gavotte*, como que a sugerir o regresso urgente ao universo da dança, retomando-se a totalidade do efetivo instrumental inicial. De acordo com um procedimento frequente, Bach posiciona, em seguida, um *double*, ou seja uma variação sobre a anterior *Gavotte*, marcada pela sonoridade dos trompetes. Para o encerramento da Abertura n.º 3, o músico escolheu duas danças cortesãs de origem francesa, o *Bourée* e a *Gigue*, ambas dotadas de anacruses iniciais.



# Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 27 de janeiro de 1756  
Viena, 5 de dezembro de 1791

## Concerto para Piano e Orquestra n.º 26, em Ré maior, K. 537, “Da Coroação”

COMPOSIÇÃO: 1788  
DURAÇÃO: c. 33 min.

Datado de 24 de fevereiro de 1788, o Concerto para Piano e Orquestra n.º 26, em Ré maior, K. 537, só começou a ser conhecido como o Concerto “Da Coroação” pouco depois da sua apresentação pública no âmbito das festividades que circundaram a subida ao trono do imperador do Sacro Império Romano, Leopold II, em 1790. Na busca de um posto promissor para fazer face às crescentes dificuldades económicas que sentia com a sua família, Mozart deslocou-se a Frankfurt, cidade em que decorreu a coroação de Leopold II. Em outubro de 1790 realizou aí um concerto, de cujo programa constou o Concerto K. 537, mas a afluência de público foi muito reduzida e o retorno financeiro quase nulo. Sem sinais de reconhecimento, o músico acabou por regressar desanimado a Viena, depois de breve estadia na Mogúncia. Para a posteridade, porém, ficou incólume a mensagem expressiva do Concerto K. 537, muito voltada para os meandros do imaginário galante e para o gosto musical de uma época que descobria, paulatinamente, os recantos das emoções e da interioridade do ser humano. No primeiro andamento, composto sobre uma forma de sonata regular, sente-se o pulsar dessa rota existencial, balizada entre a alegria serena, a confiança sincera e a hesitação ante as fronteiras desconhecidas do sentimento. Na parte do solista são audíveis expedientes muito característicos, tais como, o chamado Baixo de Alberti, a servir de acompanhamento a uma parte melódica evocativa e que assume, para

todos os efeitos, a condução do discurso musical. No tema do segundo andamento, Mozart espelha a influência da música vocal, como o fizera já em diversas passagens da sua produção orquestral. Entoadada pelo piano, a melodia pueril, mas veemente, sintetiza, em si, como que uma visão personalizada da vida e do mundo, suscetível de ser partilhada pelos intérpretes e pelos ouvintes, e que por isso se torna extremamente rica em significados. Toda a orquestração foi aligeirada neste andamento, para sublinhar o alcance expressivo da parte solista. Fazendo apelo à ocasião festiva que esteve na origem da sua composição, o andamento conclusivo reveste-se de tom cerimonial na forma como faz alternar o refrão inicial com os episódios de diálogo entre o solista e a orquestra, os quais parecem simular, de algum modo, as interações e sensibilidades diversas que emanavam da sociedade coeva.

LEOPOLD II, POR JOHANN DANIEL DONAT, 1806 © DR



# Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770  
Viena, 26 de março de 1827

## Sinfonia n.º 2, em Ré maior, op. 36

COMPOSIÇÃO: 1801-1802  
ESTREIA: Viena, 5 de abril de 1803  
DURAÇÃO: c. 35 min.

A Sinfonia n.º 2, em Ré maior, op. 36, de Ludwig van Beethoven, representa um passo decisivo rumo ao alargamento do ideal sinfónico do compositor, num momento de crise existencial profunda, assinalada pelo agravamento do seu estado de surdez e pelo denominado “testamento de Heiligenstadt”. Apesar de se contar entre as obras mais conservadoras de Beethoven, a Sinfonia n.º 2 desvela já um horizonte promissor em termos de alargamento da forma e do potencial idiomático dos diferentes naipes orquestrais. Uma introdução lenta e solene precede o *Allegro con brio* inicial. Um primeiro tema de contornos vivos é exposto sobre um conjunto de células rítmicas repetitivas, nas partes mais graves da textura. Uma breve secção em tonalidade menor precede, por sua vez, o segundo tema, na tonalidade dominante, Lá maior. O seu perfil ascendente parece anunciar os primeiros compassos da Sinfonia n.º 3, *Heroica*. Depois da secção de desenvolvimento, baseada no primeiro tema da exposição, tem lugar a réplica quase literal da secção inicial do *Allegro*, no curso da recapitulação. Uma coda final virá a evidenciar todo o fulgor rítmico do tema inicial. O segundo andamento utiliza, do mesmo modo, dois temas distintos. O primeiro deles, exposto pelas cordas e depois retomado pelos sopros numa atmosfera de acentuada melancolia, foi qualificado por Hector Berlioz como “puro e cândido”. O diálogo entre os instrumentos intensifica-se, alcançando-se gradualmente a tonalidade de Dó maior, na qual surgirá

Beethoven  
Symphony No. 2  
in D Major  
Op. 36

Adagio molto ♩ = 54.

INÍCIO DA SINFONIA N.º 2, OP. 36 © DR

o segundo tema, de cariz dançante. O tema principal do terceiro andamento, um *Scherzo*, caracteriza-se pela alternância serrada de dinâmicas *forte* e *piano*. O *Trio* intermédio detém recorte popular, sublinhado pelas intervenções incisivas dos oboés e dos fagotes. O andamento conclusivo da Sinfonia estrutura-se segundo uma forma livre de rondó, marcada por tema fogoso que é introduzido pelos violinos em notas ponteadas. Este final, julgado “monstruoso” por alguns contemporâneos de Beethoven, é o resultado do desenlace das múltiplas tensões acumuladas ao longo dos três andamentos anteriores, preconizando-se nele um dos traços mais distintivos dos andamentos finais das futuras sinfonias do compositor.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

## Ton Koopman

Maestro



Ton Koopman nasceu em Zwolle, na Holanda. Concluída a sua formação musical inicial, estudou órgão, cravo e musicologia em Amsterdão, tendo-lhe sido atribuído o *Prix d'Excellence* em ambos os instrumentos. Desde muito cedo se sentiu fascinado pelos instrumentos históricos e pelo seu som autêntico, assim como pelo estudo filológico dos antigos estilos de interpretação. Começou então a centrar as suas pesquisas no domínio da música barroca, dando particular atenção a Johann Sebastian Bach. Como organista e cravista, tocou nos mais famosos instrumentos históricos da Europa. Criou a sua primeira orquestra barroca em 1969 e em 1979 fundou a Amsterdam Baroque Orchestra, seguindo-se o Amsterdam Baroque Choir em 1992. Como solista e maestro, atuou nas principais salas de concertos e festivais internacionais. Dirigiu as mais proeminentes orquestras mundiais, sendo também uma presença habitual na Fundação Calouste Gulbenkian há mais de trinta anos. Ton Koopman realizou um grande número de gravações discográficas. Em 2003, criou a sua

própria etiqueta: a Antoine Marchand. Entre 1994 e 2004, dirigiu e gravou uma integral das Cantatas de J. S. Bach, um vasto trabalho pelo qual lhe foram atribuídos o *Deutsche Schallplattenpreis - Echo Klassik*, o prémio BBC 2008 e o Prémio Hector Berlioz, tendo sido também nomeado para os prémios *Gramophone* e *Grammy*. Entre 2005 e 2014 concluiu um novo projeto de grande fôlego: a gravação da obra integral de Dietrich Buxtehude. Em 2006, Ton Koopman foi distinguido com a Medalha Bach da Cidade de Leipzig. Entre outros importantes prémios, em 2012 recebeu o Prémio Buxtehude da cidade de Lübeck e em 2014 o Prémio Bach da Royal Academy of Music, em Londres. Em 2016 foi-lhe atribuído um doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Lübeck e tornou-se consultor artístico da Ópera de Cantão. Em novembro de 2017 recebeu o prestigioso *Edison Classical Award*. Ton Koopman é professor na Universidade de Leiden, Presidente da Sociedade Internacional Dieterich Buxtehude, Membro Honorário da Royal Academy of Music e Diretor Artístico do festival *Itinéraire Baroque*.

## Alexei Volodin

Piano



Alexei Volodin nasceu em 1977 em Leninegrado (São Petersburgo). Estudou na Academia de Música Gnessin e no Conservatório de Moscovo, tendo sido aluno da pianista Eliso Virsaladze. A partir de 2001, prosseguiu o seu aperfeiçoamento na Academia Internacional de Piano Lago de Como. Foi premiado em vários concursos internacionais, tendo em 2003 vencido o Concurso Géza Anda, em Zurique. Desde essa altura, apresentou-se em muitos dos mais prestigiados palcos internacionais, incluindo Wigmore Hall, Konzerthaus de Viena, Concertgebouw de Amsterdão, Palau de la Música de Barcelona, Teatro Mariinsky de São Petersburgo, Philharmonie de Paris, Conservatório de Moscovo, Alte Oper Frankfurt, Herkulesaal de Munique, Tonhalle de Zurique ou Auditório Nacional de Música de Madrid, para além dos mais importantes festivais internacionais como *BBC Proms*, Bad Kissingen, La Roque d'Anthéron, Rencontres Musicales d'Évian, "La Folle Journée" de Nantes, "Noites Brancas" de São Petersburgo ou Festival de Páscoa de Moscovo. Atuou pela

primeira vez na Fundação Gulbenkian em 2009, com o Quarteto Casals. Deste então, tem regressado regularmente ao Grande Auditório, para tocar com a Orquestra Gulbenkian ou em recitais a solo. Como músico de câmara, destacou-se a sua já longa colaboração como o Borodin Quartet. Outros parceiros neste domínio incluem Janine Jansen, Julian Rachlin, Mischa Maisky e Sol Gabetta, bem como os quartetos Modigliani, Casals e Cremona. Ao longo da presente temporada, Alexei Volodin volta a colaborar com a Sinfónica de Montreal, a Sinfónica da BBC e a Sinfónica de Bournemouth, entre outras orquestras. Estreia-se com a Japan Century Symphony, a Filarmonia de São Petersburgo e a New Japan Philharmonic e realiza uma digressão em Espanha com a Sinfónica Tchaikovsky e o maestro Vladimir Fedoseyev. Destaques recentes incluem atuações com a Orchestre de la Suisse Romande, a Sinfónica de Antuérpia e a Orquestra do Teatro Mariinsky, sob a direção de Dima Slobodeniouk, Kent Nagano, Robert Trevino e Valery Gergiev. Alexei Volodin é um artista exclusivo Steinway.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© GW/MÁRCIA LIESSA



**Lorenzo Viotti** Maestro Titular  
**Giancarlo Guerrero** Maestro Convidado Principal  
**Leonardo García Alarcón** Maestro Associado  
**Nuno Coelho** Maestro Convidado

## PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos  
*Concertino Principal*  
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*  
António José Miranda  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
David Wahnnon  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria Balbi  
Otto Pereira  
Tamila Kharambura \*  
Tomás Costa \*  
Anna Paliwoda \*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*  
Jordi Rodriguez *1º Solista*  
Cecília Branco *2º Solista*  
Jorge Teixeira  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Maria José Laginha  
Miguel Simões \*  
Félix Duarte \*

## VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*  
Lu Zheng *1º Solista*  
Isabel Pimentel *2º Solista*  
Patrick Eisinger  
Leonor Braga Santos  
Christopher Hooley  
Maia Kouznetsova  
Nuno Soares \*

## VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*  
Marco Pereira *1º Solista*  
Martin Henneken *2º Solista*  
Levon Mouradian  
Jeremy Lake  
Raquel Reis

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*  
Domingos Ribeiro *1º Solista*  
Manuel Rego *2º Solista*  
Marine Triolet  
Maja Plüddemann

## FLAUTAS

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*  
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*  
Ana Filipa Lima *2º Solista \**

## OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*  
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*  
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*  
Corne inglês

## CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*  
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*  
José María Mosqueda *2º Solista*  
Clarinete baixo

## FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*  
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*  
Raquel Saraiva *2º Solista*

## TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*  
Kenneth Best *1º Solista*  
Eric Murphy *2º Solista*  
Darcy Edmundson-Andrade  
*2º Solista*

## TROMPETES

Adrian Martinez *1º Solista*  
Carlos Leite *1º Solista Auxiliar \**  
David Burt *2º Solista*

## TROMBONES

Sérgio Miñana *1º Solista*  
Rui Fernandes *2º Solista*  
Pedro Canhoto *2º Solista*

## TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

## TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

## CRAVO

Cândida Matos *1º Solista \**

\* Instrumentista convidado

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins, Marta Andrade,  
Raquel Serra, Guilherme Baptista,  
Fábio Cachão

06 abril

TRANSMISSÕES ÀS 11:00 E 18:00

# La Fille du Régiment

Gaetano Donizetti

 GULBENKIAN  
MÚSICA

GULBENKIAN.PT

The Met  
ropolitan  
Opera

© KEN HOWARD - MET OPERA

MECENAS  
MÚSICA E NATUREZA  
THE  
NAVIGATOR  
CORPUS

MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA  
VIA  
VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO  
SANTA  
CASA

MECENAS  
CICLO PIANO  
pwc

MECENAS  
CORO GULBENKIAN  
BMW

MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA  
BPI

# O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA  
Ian Anderson  
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE  
The Designers Republic

TIRAGEM  
700 exemplares  
PREÇO  
2€

Lisboa, Março 2019

